

Assim é... se lhe parece* 4

Sérgio Jose Alves de Almeida**

RESUMO

A liberação da cirurgia de transgenitalização pelo Conselho Federal de Medicina (C.F.M.) através da Portaria Nº 1482/97, trouxe mais visibilidade a um dos pontos mais obscuros da Sexualidade Humana. Porém o que temos notado, nas opiniões populares, mídia, etc., é que alguns conceitos parecem que se tornaram ainda mais confusos e não mais claros, como deveria acontecer. Deste modo, homossexuais, travestis e transexuais, continuam a ser “farinha do mesmo saco”. Inclusive temos notado uma tendência a designar qualquer disforia de gênero, como transexualismo, o que não corresponde à realidade. Neste artigo vamos tentar aclarar os conceitos, tentando separar “o joio do trigo”, no sentido de um melhor conhecimento destes quadros.

* O título do artigo foi retirado de uma peça de Pirandello.

** Médico Psiquiatra. Terapeuta Sexual. Prof. Adjunto Doutor do Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da FAMERP. Responsável pelo setor Psiquiátrico/Sexológico do Programa de Disforia de Gênero da FAMERP.

e-mail: sergio.a@terra.com.br

Recebido em 14.09.01

Aprovado em 24.09.01

AFINAL, O QUE É ISTO?

No mês de setembro de 1997, através da portaria nº 1482/97, o Conselho Federal de Medicina, (CFM), liberou a cirurgia de transgenitalização em todo o Brasil, desde que realizada em hospitais públicos ou universitários, sendo considerada como experimental. Com o aparecimento das primeiras cirurgias (UNICAMP/FAMERP) o assunto passou a ter intensa repercussão na mídia. Programas e mais programas passaram a se interessar pelo tema enquanto jornais e revistas enchiam páginas sobre ele. O termo transexual, até então restrito a um grupo pequeno de estudiosos da Sexualidade Humana, ganhou visibilidade em todo o país, passando a ser bastante conhecido.

O que temos notado porém é que a palavra é conhecida, mas não o seu real significado. Assim grande parte da população continua a encarar o transexual, o travesti e o homossexual, como “produtos idênticos”, com pequenas diferenças nas embalagens. Isto porém, nem de longe corresponde à realidade. Programas de T.V. tem apresentado travestis, como sendo transexuais. Concursos de beleza “gay”, tradicionais redutos de travestis, vem sendo mostrados como sendo de transexuais, o que torna a coisa ainda mais confusa. Não só no Brasil popular, mas também no Brasil erudito, como classifica FRY, (1) quase todo mundo acha que as cirurgias são feitas em homossexuais. Desta forma, o brasileiro acredita que existam dois tipos de homossexuais, os que desejam e os que não desejam mudar de sexo. Este conceito errôneo, está também muito arraigado na classe médica pois o estudo da Sexualidade Humana, com raras exceções, inexistente em nossas faculdades.

Desta forma podemos começar analisando o conceito de transexualidade.

Em “Dicionário de Sexo”, GOLDENSON e ANDERSON, (2) trazem a seguinte definição – *Distúrbio de Identidade de gênero, caracterizado por um persistente sentimento de desconforto e inadequação em relação ao próprio sexo anatômico, assim como uma necessidade obsessiva de mudar os órgãos, sexuais, viver e se vestir como pessoa do outro sexo.* COUTO, (3) em “Transexualidade, o Corpo em Mutação” assim nos fala: *Os transexuais tem em comum a incompatibilidade da conformação genital com a identidade psicológica sexual do mesmo indivíduo. O transexual é aquele que recusa totalmente o sexo que lhe foi atribuído civilmente. Identifica-se psicologicamente com o sexo oposto, embora biologicamente não seja portador de nenhuma anomalia. Geralmente possui genitália perfeita, interna e externa, de um único sexo, mas a nível psicológico responde a estímulos de outro. Costumam considerar-se um “erro da natureza”.*

As principais características da transexualidade são:

- a convicção de pertencer ao sexo oposto;
- a aversão pelos seus atributos genitais dados pela natureza;
- interesse pela adequação dos genitais.

PAMPLONA DA COSTA, (4) em *“Os onze sexos”* assim os define: *Ao longo de quase toda uma vida, desde a infância, os transexuais se sentem como uma pessoa que nasceu com o corpo “trocado”. São almas femininas, aprisionadas em corpos masculinos, ou vice versa.”* PICAZIO, (5) nos traz em *“Sexo secreto – temas polêmicos da sexualidade”*, o que segue: *Transexuais são pessoas que nascem com um determinado sexo biológico, mas que se sentem pertencentes ao gênero oposto. Os transexuais nascem biologicamente normais, não tendo a mínima duplicidade em sua aparência ou estrutura física sexual. No entanto, sentem que seu corpo não corresponde à “sua alma, sua identidade.”*

Dentro da literatura nacional atual, vamos encontrar em “Nicola, um romance transexual”, de ANGRIMANI, (6), cuja personagem é assim descrita: *Um professor universitário, sisudo, casado, com filhos, tem uma vida secreta: Quando se olha no espelho vê uma mulher. Às vezes vagabunda, outras vezes amorosa e recatada, ela é uma parte sua que espera pela chance de usar salto alto e batom.*

No teatro Cultura Artística em São Paulo, ano 2000, a peça “Tango, Bolero e Chá-cha-chá”, tinha como personagem principal uma transexual operada no exterior que retorna, anos depois, para encontrar a família. Embora a montagem teatral seja uma “chanchada”, que provoca muito riso, ajudou a difundir o conceito de transexualidade.

Citando apenas mais três autores, vemos que VERDE e GAZIOTTIN, (7) falam sobre a “síndrome transexual”, como a *convicção precoce, permanente e irreversível de pertencer ao sexo oposto, em uma pessoa totalmente normal, sob o ponto de vista cromossômico, hormonal e somático.* Já RAMSEY, (8) define de maneira muito simplificada como *é o sentimento de infelicidade ou depressão quanto ao próprio sexo.*

Desta forma após estas considerações de autores nacionais e estrangeiros, não parece existir mais qualquer dúvida que a transexualidade diz respeito a um processo de disforia de gênero, a uma troca de identidades, a identidades cruzadas, ou seja sob os pontos de vista físicos ele não apresenta qualquer anomalia, mas a identidade é do sexo oposto. Para estas pessoas, que sofrem muito com o seu estado, não há qualquer forma de tratamento, psicoterápico ou medicamentoso, sendo a “cirurgia de mudança de sexo” a única resolução que se apresenta. Deve ficar bem claro pois que apenas as pessoas com um diagnóstico feito de maneira clara e segura de transexualidade podem ser encaminhadas à cirurgia – não ter correta noção disto é caminho direto para um abismo.

Analisando um pouco o aspecto do travestismo queremos deixar bem claro, que estamos falando deste tipo de travesti pelo qual o Brasil é famoso (pela exportação para Espanha, França, Itália, etc.), facilmente encontrado na T.V. ou nas ruas de qualquer cidade do país. Normalmente “bombados” (siliconados), tentam se aproximar o mais possível da mulher sexy, da mulher espetáculo. SANTOS JÚNIOR, (9) em seu “Bichonário”, apresenta

alguns sinônimos, tais como *travesti*, *traveca*, *trava*, *travesta*, *mona de araque* e *mona de e quê*, entre outros. O travesti faz hoje parte já consagrada dentro do universo sexual do homem brasileiro.

Novamente citando GOLDENSON e ANDERSON, (2) encontramos a seguinte definição para travesti: *Indivíduo que se veste com roupas do sexo oposto. Mais especificamente, o homossexual masculino que se veste com roupas de mulher e procura dar ao corpo uma aparência feminina. Em geral os travestis vivem de espetáculos ou da prostituição, na qual desempenham inclusive o papel masculino com alguns clientes.* COUTO, (3) nos diz que *o travestismo refere-se ao homem ou a mulher que se veste e assume características físicas e psicossociais atribuídas ao sexo oposto. É o porte deliberado de roupas e acessórios culturalmente consagrados ao sexo oposto,... como forma de pertencer publicamente ao outro gênero. Além de roupa cruzada, ela encontra em seus genitais a sua fonte de prazer e não de desgosto. Transformam o corpo, quase sempre por meio de hormônios ou silicone, sobre tudo nos seios, nádegas, coxas e bochechas, pois querem uma aparência ultra feminina.*

PAMPLONA DA COSTA, (4) nos relata que “travesti é um termo leigo que ficou consagrado no Brasil para designar os homens que nascem machos, são educados como meninos, mas tem uma identidade de gênero diferente da maioria. Eles sentem-se ao mesmo tempo homens e mulheres. Ele sabe, no entanto, que biologicamente é homem e não deseja eliminar o seu órgão sexual masculino... a se transformarem em caricaturas de mulher, seus gestos podem ser exageradamente amaneirados, carregam na maquiagem, tomam hormônios ou aplicam silicone para ter seios fartos e grandes nádegas.”

Após estas definições, já é possível verificar que transexuais e travestis são diferentes e requerem uma atuação distinta do pessoal técnico da área da sexologia. Temos então que transexuais apresentam identidade cruzada, do sexo oposto enquanto travestis as tem de forma “mista”, com predominância do seu próprio sexo. Transexuais tem como objetivo máximo de vida a cirurgia de transgenitalização, a partir da qual vão renascer, como a mulher que sempre foram. Muitas operadas por nossa equipe na FAMERP, nos dizem que passaram a ter duas datas de aniversário, a real e a “nova”, a do dia da cirurgia, quando outra vez “nasceram para mundo” (sic). Travestis gostam e usam o seu próprio órgão sexual de forma bastante intensa. Não os consideram uma aberração, ou uma exressência, mas como parte integrante de sua masculinidade. Grande parte deles, quando necessário, faz sexo com mulheres, ou casais, sem qualquer problema. Transexuais, na sua grande maioria, depois de operadas, desaparecem, como se desejassem criar uma nova vida e desaparecer na multidão, ser uma mulher “normal”, casar, adotar filhos, etc. Os dados que temos na FAMERP, estão em total acordo com a literatura mundial, da dificuldade de se fazer o seguimento pós cirúrgico de uma transexual, após a alta clínica. Travestis, ao contrário, querem

chamar a atenção, serem notadas, não querem a vala comum dos demais mortais. Transexuais se sentem totalmente incomodadas, quando confundidas com travestis, enquanto o vice-versa não se mostra verdadeiro.

Quanto à homossexualidade, podemos afirmar que "gays" não estão nunca interessados na cirurgia de transgenitalização. Muitos deles, como acontece com os heterossexuais, ficam horrorizados só em pensar em tal possibilidade. Se lembrarmos que o pênis tem um valor extraordinário na cultura masculina, homossexual inclusive, dá para entender o exato significado do que ocorre. Homossexualidade não é uma questão de identidade, mas de orientação sexual. Assim homossexuais seriam pessoas que tem sua orientação sexual voltada para pessoas do mesmo sexo. Eles tem atração sexual, fantasiam sonham e se apaixonam por seus iguais. Neste relacionamento o pênis é um fator primordial. Assim, jamais pensariam em retirá-lo. Homossexuais são biologicamente homens (ou mulheres), gostam disto, pensam de maneira em acordo com o seu sexo biológico e desempenham papéis correspondentes. Ocasionalmente podemos ter homossexuais na faixa dos quarenta anos para cima, depressivos, que falam em mudar de sexo, como forma de arrumar mais facilmente um companheiro, em uma sociedade que só beneficia a juventude e a beleza. O profissional que o atender deve ficar alerta para estes casos pois a cirurgia é contra indicada. O tratamento deverá ser realizado com antidepressivos, tranquilizantes e terapia.

Finalizando lembramos, mais uma vez, que os transexuais são submetidos à cirurgia de transgenitalização e iniciam uma nova e verdadeira vida. Travestis e homossexuais nunca devem ser encaminhados à ela, o caminho é outro. Caso contrário o arrependimento virá logo, mas será tarde demais, pois é um caminho sem volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 – FRY, P.; MAC, R. *O que é Homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- 2 – GOLDENSON, R. M.; ANDERSON, K. W. *Dicionário de Sexo*. São Paulo: Ática, 1989.
- 3 – COUTO, E. S. *Transsexualidade / O corpo em mutação*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2000.
- 4 – PAMPLONA DA COSTA, R. *Os onze sexos*. São Paulo: Gente, 1994.
- 5 – PICAIZO, C. *Sexo secreto/Temas polêmicos em sexualidade*. São Paulo: G.L.S., 1999.
- 6 – ANGRIMANI, D. *Nicole, um romance transgênero*. São Paulo: G.L.S., 1999.
- 7 – VERDE, J. B.; GRAZIOTTIN, A. *Transsexualismo, o enigma da identidade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- 8 – RANSEY, G. *Transexuais, Perguntas e Respostas*. São Paulo: G.L.S., 1999.
- 9 – SANTOS JUNIOR, O. P. *Bichonário, um dicionário gay*. Salvador: Ed. do autor, 1999.